

# FORMAÇÃO NEOLÓGICA: ESBOÇANDO CORRELAÇÕES SEMÂNTICAS EM MITO MĚBĚNGÔKRÉ (KAYAPÓ)

*Neological formation: sketching semantic correlations  
in MĚbĚngôkré myth (Kayapó)*

Michelly Silva Machado<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo, viso esboçar como o mito *Pai dos Pássaros*, coletado por Thomson (1981), no livro *Me Bakukamã-re'ã Ujarenh-neja: lendas Kayapó*, relaciona-se com o conceito semântico da formação neológica *màtkà* 'avião' na língua MĚbĚngôkré (Kayapó). O léxico *màtkà* é estruturado a partir de elementos gramaticais já existentes no MĚbĚngôkré e nas percepções de mundo que orientam os MĚkrãgnoti-Kayapó<sup>2</sup>. Sugere-se que o mito e o neologismo apresentam correlações semânticas que se ligam entre si e ligam o passado ao presente através da linguagem. Como resultado, foi verificada interpretação de eventos pretéritos

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (PPGA-UFPA). Bolsista Capes (2021-2023). Mestra em Diversidade Sociocultural pelo Museu Paraense Emílio Goeldi (PPGDS-MPEG). Mestra em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA-UFPA). Graduação em Letras -Língua Portuguesa (UFPA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1607-4368>. E-mail: [mih.machado02@gmail.com](mailto:mih.machado02@gmail.com).

<sup>2</sup> Agradeço ao Okreãjti Metuktire, Bepbjere Kayapó, Mydjere Kayapó e Bepgogoti Kayapó, pelos conhecimentos compartilhados para a realização da pesquisa, e a Dra. Ana Vilacy Moreira Galúcio, pelas contribuições e leituras de linguística. Ainda, às Dras. Beatriz de Almeida Matos e Nayara da Silva Camargo, pelas disciplinas, Leituras em antropologia e Tópicos especiais em língua e cognição, as quais possibilitaram repertórios sobre cognição, ritual e mitologia ameríndia.

salvaguardados na língua, na cosmologia e no léxico Kayapó, saberes importantes para compreender as dinâmicas das línguas dos povos originários e suas formas de significar o mundo.

**Palavras-chave:** *Formação neológica; Mito; Língua Mëbêngôkre; Kayapó.*

**Abstract:** *In this article, I aim to outline how the myth Father of the Birds, collected by Thomson (1981), in the book *Me Bakukamã-re'ã Ujarenh-neja: legends Kayapó*, relates to the semantic concept of the neological formation *màtkà* 'airplane' in the Mëbêngôkré (Kayapó) language. The *màtkà* lexicon is structured from grammatical elements already existing in the Mëbêngôkré and the perceptions of the world that guide the Mëkrãgnoti-Kayapó. It is suggested that myth and neologism present semantic correlations that connect with each other and link the past to the present through language. As a result, interpretations of past events safeguarded in the Kayapó language, cosmology and lexicon were verified, important knowledge to understand the dynamics of the languages of the original peoples and their ways of signifying the world.*

**Keywords:** *Neological formation; Myth; Mëbêngôkre language; Kayapó.*

## Introdução

Este breve estudo parte de um levantamento de neologismos Kayapó pesquisados na dissertação, “Processo de formação de novas categorias conceituais e as agências linguísticas dos Mëbêngôkre (Kayapó)”<sup>3</sup>, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Diversidade Sociocultural, do Museu Paraense Emílio Goeldi. Neste artigo, viso ampliar o leque de possibilidades analíticas sobre formação de palavras, esboçando a relação entre o conceito semântico do neologismo *màtkà* ‘avião’, descrito por um de meus interlocutores Mëkrãgnoti-Kayapó, e o mito *Pai dos Pássaros*.

A abordagem teórica fundamenta-se em uma das interfaces possíveis entre as ciências do léxico e a antropologia linguística. Amparada nos estudos de Duranti (1997), dedico-me ao “estudo da fala e da linguagem no contexto da antropologia”. Essa perspectiva, permite conhecer como uma comunidade de

---

<sup>3</sup> Na dissertação, investigamos os processos linguísticos envolvidos na formação de neologismos na língua Mëbêngôkre-Kayapó. Apresentamos o levantamento de novos nomes para designar utensílios inseridos no cotidiano Kayapó através dos intercâmbios com os *kubê* (não indígenas), verificando a relação da criação neológica com a concepção semântica dos Kayapó e a existência de atitudes linguísticas, internas e externas à língua, como políticas linguísticas internas do grupo.

fala pode ver o mundo, sendo a língua/linguagem um dos meios pelo qual se transparece os valores, as crenças, os hábitos e costumes sociais (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001, p. 9).

Estudar aspectos da língua Mëbêngôkre culturalmente organizada e em uso envolve uma série de princípios, metodologias, fontes de pesquisa e debates interdisciplinares na construção de uma pesquisa em conjunto com os interlocutores. Os exemplos neológicos citados são descritos em sua forma fonológica, conforme a interpretação de meus interlocutores. Reporto-me aos saberes tradicionais e às fontes orais e escritas, “vias comunicativas e de registro das experiências, transformações e interações” dos Kayapó ao longo do tempo (MACHADO, 2022b, p.61).

Sobre o processo de formação neológico, seu conceito envolve recursos linguísticos e significados fundamentados no modo de ver o mundo dos Mëkrãgnoti. O grupo possui ecologias próprias que caracterizam o mundo, diferentemente do pensamento ocidental dos *kubẽ* (não indígenas). As cosmologias mantêm uma relação direta com “a natureza” e as multiespécies. Logo, a análise do léxico e do mito, permitem explicar as cisões, migrações, histórias, epistemologias, intercâmbios e encontros/desencontros entre os Kayapó e não indígenas.

Em relação ao mito, entendo-o como uma das formas da sociedade explicar os “sentimentos fundamentais, como o amor, o ódio ou a vingança”, e os fenômenos físicos, culturais, meteorológicos, de difícil compreensão (LÉVI-STRAUSS, 2017, p.222). O conteúdo mitológico refere-se a eventos passados, com consequências longínquas, que ainda se fazem sentir, em movimentos e criações contemporâneas. Assim, estabeleço feixes de relações entre as unidades constitutivas do léxico e do mito, a partir de referentes contextuais enraizados no modo Kayapó de conceituar o mundo.

## **Os Kayapó - ‘gente que nasce da água’**

A designação Kayapó ou Caiapó foi atribuída ao grupo de forma genérica, possivelmente por algum grupo da família Tupi-Guarani. O termo pode significar,

de forma genérica, a ideia de ‘semelhante ao macaco’. Hodiernamente, essa denominação compõe outras significações, como nação e povo.

Sobre o Mëbêngôkre encontramos os seguintes significados na literatura Kayapó: gente da nascente da água, ser do fundo do rio, povo do olho d’água e povo das águas. Esses significados possivelmente fazem alusão aos rios Tocantins e Araguaia, nascentes onde os Kayapó passaram em suas diásporas (TURNER, 1992; CABRAL, 2017, p.02; MACHADO, 2022a).

De maneira geral, os Kayapó estão localizados em uma grande área que se estende do norte do Mato Grosso, região do Cerrado do Brasil Central (TI KapôtjJarina), à região sul do Pará. No Pará, eles se dividem em sete subgrupos: Mëkrãgnoti, Gorotire, Kuben-Krân-Krên, Kôkramôrô, Kararaô, Metyktire e Xikrin (Imagem 1).



Imagem 1 - Terras Indígenas Kayapó (Autora, 2022).

Os Mëkrãgnoti (faces vermelhas) autodenominam-se Mëbêngôkre ou Mëkrãgnoti-Kayapó. O primeiro contato desse grupo com os *kubẽ* aconteceu com os irmãos Villas-Boas no final da década de 50, no Mato Grosso. Entre os Mëkrãgnoti do Pará, a aldeia de primeiro contato foi a Mëkrãgnoti velho, na TI Mëkrãgnoti.

As Terras Indígenas Baú e Mēkrāgnoti, onde vivem os interlocutores desta pesquisa, ocupam uma área de influência da (BR-163) e, desde 1960, enfrentam uma explosão de invasões em seus territórios, com a abertura das rodovias Belém-Brasília (BR-010), Cuiabá-Santarém (BR-163), que liga a capital do Mato Grosso, Cuiabá, a Santarém, no Pará. Desde então, o território vem sofrendo com as ações de vieses econômicos, com projetos da administração pública, tais como: hidrelétricas e estradas e com um grande fluxo migratório de indivíduos procedentes de outros pontos do país. As TI Baú e TI Mēkrāgnoti ficaram rodeadas por pastos e, mais recentemente, por lavouras de soja. O desmatamento, com o crescente esgotamento dos recursos naturais nos entornos das Terras, representa um dos maiores riscos à sobrevivência das florestas e dos modos de vida Kayapó.

Apesar dos anos de contato e dos intercâmbios culturais e linguísticos, os Mēkrāgnoti têm resistido e lutado para preservar sua cultura, território e língua. Como outros povos da família Jê, as aldeias possuem a forma circular ou semicircular e costumam variar em tamanho e população. A maior delas é a Kubenkàkre, que funciona como um grande centro político, sendo considerada a aldeia-mãe. Possui esse nome, pois dela derivam outras aldeias, as aldeias-filhas.



Imagem 2 – Espaço circular da aldeia Kubenkàkre. Fonte: Instituto Kabu (2021)<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Instituto Kabu (2021). <<https://www.kabu.org.br/a-etnia/>>.

Mëbêngôkre é o nome da língua falada pelos Mëkrãgnoti. É classificada como pertencente ao sub-ramo Setentrional da família linguística Jê (SALANOVA E NIKULIN, 2020, p.02-03). Na classificação mais recente de Nikulin (2020), as línguas Jê Setentrionais integram o sub-ramo denominado Jê de Goyaz, do ramo Cerratense.

Apesar das transformações socioculturais e o forte intercâmbio com os *kubẽ*, o Mëbêngôkre continuou sendo usada tanto nas aldeias como fora delas. A língua originária é aprendida ainda na infância, no seio familiar, e o português na escola. Os Mëkrãgnoti adultos são falantes bilíngues (Mëbêngôkre - Português), as mulheres são consideradas as mantenedoras da língua, muitas delas apesar de compreenderem termos/frases em português, preferem se comunicar em Mëbêngôkre, como uma política linguística interna do grupo. Há também mulheres bilíngues, que utilizam o português nos serviços públicos e no exercício de liderança. Os falantes desse grupo possuem grande densidade populacional e têm usado a língua ancestral nos espaços de resistência e ambiente digital.

Com relação à força da língua para esse povo, é importante destacar uma estimativa realizada em 1920 pelo padre Antonio Maria Sala, no ensaio da gramática Kayapó (SALA, 1920), segundo a qual se especulava sobre a provável extinção da língua em dez anos. Não obstante, conforme informações etnográficas, um século após essa estimativa, o número de falantes da língua Mëbêngôkre se multiplicou, tendo em vista a grande capacidade adaptativa do grupo de ressignificar diferentes conceitos aos seus próprios *kukràdjà* (conhecimentos) (MACHADO, 2022b).

O conhecimento sobre os Kayapó é um sistema conexo de crenças, práticas e linguagens. Para Posey (1987, p.15) citado por Machado (2022, p.27), “é difícil transmitir uma completa visão ecológica Mëbêngôkre, porque isso se passa dentro de uma rede profundamente de pressuposições culturais”. Sobressai, a importância dos interlocutores da pesquisa para a compreensão de saberes circunstanciais e metafóricos. Como ressalta Okreãjti Metuktire (2020), a tradução literal das palavras Mëbêngôkre para o português é complexa, pois

suas significações são próprias e características de suas realidades históricas, culturais e geográficas, como veremos na estrutura do nome *màtkà*.

## Os nomes em Mëbêngôkré-Kayapó

As palavras de uma língua natural descrevem conceitos e significados, representam o nosso universo físico e cultural compartilhado (GIVÓN, 2001, p.44-45). De acordo com Biderman (2001, p.13), o léxico “constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo”. Ao dar nomes aos seres e objetos, os Kayapó classificam-no simultaneamente. Logo, a criação de seus léxicos, mitos e narrativas ocorrem por meio de atos de cognição da realidade e da categorização de mundo.

Ao nomear o universo físico e cultural, os falantes do Mëbêngôkre reúnem em suas produções palavras pertencentes a diferentes categorias gramaticais, tais como: substantivo, verbo, pronomes, entre outros. Essas categorias podem ser divididas em palavras lexicais (abertas) e palavras não lexicais (fechadas). Conforme Givón (2001, p.44-45), as palavras lexicais são os nomes, verbos, adjetivos e advérbios. Elas descrevem conceitos e significados, e podem gerar novos itens. As palavras não lexicais, geralmente, apresentam um conjunto limitado de itens. Esses codificam funções gramaticais e são expressos por um número de classes fechadas (GIVÓN, 2001, p.44-45).

Na perspectiva da morfologia das línguas Jê, existem graus variados de integração morfológica e transparência semântica, indo do mais lexical/aberto ao mais gramatical/fechado ou coexistência de novas formas gramaticais com as mais antigas, podendo ou não levar à substituição gradativa destas por aquelas (MIRANDA et al., 2020, p. 246), cabendo investigar as formas que têm se estabilizado para designar novos conceitos.

Silva da Costa (2015, p.50), em sua análise sobre as classes de palavras em Xikrín, variedade com características próximas ao Mëbêngôkre, considera nove classes de palavras: nomes, pronomes, verbos, posposições, advérbios, conjunções, palavras aspectuais, palavras modalizadoras, e interjeições. Em Mëbêngôkre, as duas classes de palavras maiores são o nome e o verbo. Ambas

fazem parte das classes abertas e permitem a inclusão de novas palavras, além de serem adaptativos, conforme o uso do falante.

Neste artigo, será apresentado a formação dos nomes, com ênfase no processo de composição e na apresentação de termos de classe, que compõem alguns classificadores na língua estudada. Considerando a cultura como conjunto de valores ou significados partilhados (HALL, 1997), será esboçado as similitudes conceptivas entre o voo das araras e o voo do avião, explicitadas no neologismo *màtkà* e no mito *Pai dos Pássaros*.

Entendemos a formação neológica “como uma nova forma, uma nova acepção atribuída a uma unidade lexical ou um estrangeirismo recebido de uma outra língua” (ALVES, 2006, p.132). De acordo com Machado (2022, p.97), os conceitos de introdução recente através de contato com os *kubê* são formados a partir de recursos próprios da língua, além das combinações e ajustes linguísticos para nomear um novo conceito a partir nomes já existentes.

Os usuários da língua Mëbêngôkre recorrem a diferentes padrões formativos para nomear novos conceitos inseridos na língua, utilizam critérios de derivação via sufixação (atenuação e intensificação), composição (N+N, entre outros), nominalização (itens lexicais formados a partir de verbos que geralmente se referem a instrumentos ou agentes relacionados à atividade descrita pela raiz) e a incorporação (MACHADO, 2022b)<sup>5</sup>. Será apresentado alguns exemplos desses formativos, desvelando como a língua tem se adaptado no tempo e no espaço conforme as necessidades comunicativas de seus falantes.

Nos critérios de derivação os nomes, em geral, em Mëbêngôkre, recebem os sufixos derivacionais *-rɛ* e *-tí ou -ty*, os quais expressam, respectivamente, atenuação e intensificação. Os sufixos podem ampliar o conceito de dimensão física ou tamanho dos objetos referidos nos nomes e verbos (exemplos 1a-c e 2a)<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> Os processos regulares de formação de palavras na língua Mëbêngôkre podem ser verificados na dissertação de Machado (2022b, p. 69-94).

<sup>6</sup> Glosas: INTENS intensificador; ATEN atenuativo; R<sup>1</sup> prefixo relacional de contiguidade; NLZ nominalizador; 1SG primeira pessoa singular.



1)

- a. *rɔp*  
'cachorro'
- b. *rɔp-ti*  
cachorro-intens  
'onça'
- c. *rɔp-rɛ*  
cachorro-aten  
'gato-do-mato'

No exemplo (1), apresentamos a derivação por sufixação para nomear elementos da fauna encontrados na região dos Mēkrāgnoti. Os sufixos incorporados ao nome *rɔp* modificam a classificação do animal conforme o seu tamanho. Contudo, conforme estudo etnográfico realizado em colaboração com falantes Kayapó, o contexto de ocorrência do nome interfere na sua significação, por exemplo, em alguns casos *rɔp* pode designar tanto 'cachorro' como 'onça', sem necessariamente o falante usar um intensificador. Nesse caso, o que define o referente é o contexto de locução.

Os exemplos de *rɔp* ocorrem por derivação simples. Em (2)<sup>7</sup>, temos a estrutura de um nome complexo, com diferentes combinações para descrever o referente:

(2)

*kàmrajty*

kà ø-mra-j ty

casco R<sup>1</sup>-andar-NLZ INTENS

'carro'

(lit. 'casco rápido' ou 'casco de caminhar forte')

---

<sup>7</sup> O termo foi informado por elicitación e segue a ortografia usada por meu interlocutor. Para as análises, baseio-me em interpretações construídas em conjunto com os colaboradores Kayapó.

*Kàmrajty* é formado pela construção N+(V-NLZ)+-ty ‘intensificador’. O termo ocorre com lexemas de diferentes classes gramaticais, esse processo pode ser analisado pelo prisma da nominalização. Silva da Costa (2015, p.106), destaca a nominalização como “um mecanismo que consiste em transformar em nomes elementos de outras classes de palavras, como resultado da derivação aplicada a verbos”. Por meio desse processo derivam-se nomes de ação, de agente e de circunstância. Do mesmo modo, o sufixo -ty ocorre para indicar ênfase sobre a ação, atribuindo o sentido de intensidade ao objeto (FERREIRA-SILVA, 2011, p.13; MACHADO, 2022, p.83).

Um dos padrões mais recorrentes para os Kayapó é a composição. Esse modelo forma palavras compostas, a partir da junção de dois ou mais itens lexicais de uma mesma classe ou de classes diferentes para formar novos nomes na língua. A estrutura (3a-b), apresenta composição simples de N+N, os elementos mantêm sua integridade fonológica e formal.

3)

- a.    *pĩpôj*  
      *pĩ-pôj*  
      pau-achatado  
      ‘mesa’  
      (lit. ‘pau achatado’)
- b.    *djowypôj*  
      *djowy-pôj*  
      comida- achatado  
      ‘biscoito; bolacha’  
      (lit. ‘comida achatada’)

Ainda no processo de composição, os Měkrãgnoti recorrem, muitas vezes, assim como os falantes de outras línguas das famílias Jê, a diferentes padrões. Um deles é o termo de classe. Segundo Miranda (2014, p. 97) e Dourado (2001,

p. 206), o termo de classe é o nível básico da categorização, essa categoria ocorre como núcleo de nomes compostos, tendo no nível do léxico uma função classificatória semelhante à dos classificadores. Os termos de classe são utilizados para designar forma, posição e tamanho. (MIRANDA, 2014; DOURADO, 2001).

No exemplo (3), o composto *pĩpôj*, é formado por um termo de classe. O item *pôj* ‘achatado’, é um tipo de classificador para designar objetos achatados. O uso de termos de classe tem sido abordado em diferentes descrições morfológicas, como nas línguas Krahô, Xikrin e Parkatêjê.

Silva da Costa (2015, p.73), na língua Xikrín, revela a frequência dos termos de classe nos domínios semânticos para conceituar “ocupações humanas e mundo vegetal”. Em Mëbêngôkre, o termo de classe mencionado é combinado com o tema nominal para indicar a posição achatada do objeto. A seguir, apresento outro exemplo de termo de classe, que dará subsídios para analisar as unidades constitutivas do léxico e do mito. No item (4), temos a formação de ‘avião’:

4)

*Màtkà*

Màt-kà

arara casco; casca

‘avião’

(lit. ‘casco de arara’)

No exemplo (4), ocorre a construção de N+kà. Essa composição tem grande produtividade na língua, pois são inúmeras as formas assim constituídas atualmente. Conforme apresentado pela autora (2022b), é possível identificar esses compostos em:

5)

- a. *pari kà*  
pé-pele; casca  
'calçado'
- b. *kubẽ kà*  
não indígena-pele; casca  
'calça; vestido'
- c. *i-nó kà*  
1SG-costa-pele; casca  
'camisa'  
(lit. 'pele da costa')

Em Mëbêngôkre (4 e 5a-c), identificamos alguns nomes que assumem a função classificatória, como o classificador *kà*, utilizado para nomear compostos como casca, pele ou casco, vejamos o seu conceito semântico:

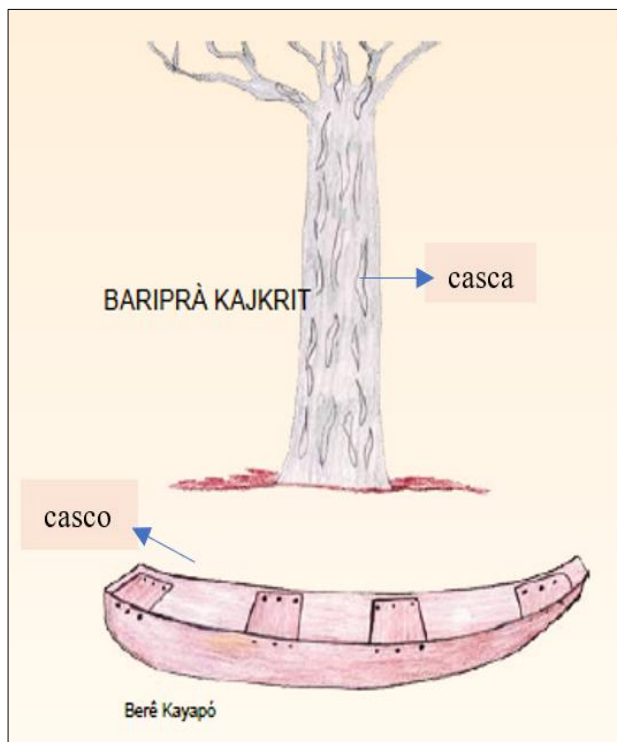


Imagem 3 – *Kà* (Troncarelli, 2015, p. 83), adaptado pela autora.

A forma *kà*, como mostrado no desenho de Berê Kayapó, é um dos diferentes tipos de madeira com a qual os Kayapó fazem canoa (*casco*), *Bariprà Kajkrit* é umas das espécies da região do Xingu (Rio Xingu e Rio Fresco) (op. cit. 2022, p.84). Entre as combinações lexicais, *kà* pode ser pele ou pode enfatizar ‘aquilo que anda’, como ‘canoa’. Se acrescentarmos ao termo *kà* ‘casco’ o morfema derivacional de intensidade *-ti*, teremos *kàti* (lit. casco rápido ou casco grande), dependendo do contexto (MACHADO, 2022b).

Em (4), vimos *màt* ‘arara’ + *kà* ‘casco; casca’, semanticamente, o nome se relaciona a algo que voa ou que pode voar. Conforme interpretação oferecida por meu interlocutor, o termo para designar ‘avião’, na cosmovisão Mëbêngôkre, pode ser interpretado como ‘casco que voa igual uma arara’, a qual é uma ave comum nas regiões dos Mëkrãgnoti e das TIs Kayapó. Outra ave que também simboliza a capacidade de voar atribuída ao avião é o gavião. Entretanto, a designação do animal é determinada pela adequação ao contexto biosociocultural local, vivências do interlocutor e o reconhecido da comunidade.



Imagem 4 – *màt amajkrut*, aldeia Tepdjâti (acervo da autora, 2018).

Para explicar a associação da arara ao casco, meu interlocutor usou vários exemplos comparativos, como as aves que têm a capacidade de voar e um objeto de locomoção. Contudo, o arquétipo mais próximo da perspectiva Kayapó foi a associação ‘casco de arara’, havendo os conceitos de referente e conceituação no percurso de denominação entre a realidade percebida e a expressão linguística.

A figura 4 retrata a relação entre os Kayapó e os animais, em especial a *màt* ‘arara’. Nessa formação, vemos a ampliação da significação *màtkà* ‘casco de arara’ para avião, trata-se da associação entre a arara (ave já conhecida) e um novo objeto inserido na cultura Kayapó a partir do contato com os *kubẽ*. De maneira análoga, o mito a seguir complementa o entendimento do item formativo *màtkà*.

Considerando os aspectos da mitologia Kayapó no desenvolvimento da significação e dos significados compartilhados, avulto o intercâmbio de acepções e possibilidades analíticas entre mito e léxico. Conforme Hall (1997), “damos significados aos objetos, pessoas e eventos por meio de paradigmas de interpretação que levamos a eles”. Portanto, a criação do item lexical entre o voo das araras e o voo do avião estabelece pontes associativas com o *Pai dos pássaros*.

## O Pai dos Pássaros

O mito *Pai dos Pássaros* foi contado por Bepgogoti, liderança da aldeia de Mëkrãgnoti, e transcrito por Ruth Rielle Grace Thomson (1981), no livro *Me Bakukamã-re’ã Ujarenh-neja: lendas Kayapó*, do Summer Institute of Linguistics. As mitologias que compõem o livro envolvem a relação entre humanos e não-humanos. Na perspectiva da mitologia ameríndia de Lévi-Strauss, em o Cru e o cozido, os mitos despontam, sobretudo, a perda da humanidade dos animais e a passagem da natureza para cultura.

Na mitologia Kayapó, o *Pai dos Pássaros* relaciona-se com a narrativa de criação das espécies de aves, a construção da casa dos homens no centro da aldeia circular (Imagem 2), e a produção do *meakà* ‘cocar’, símbolo de bravura

e *representatividade*. Em comum, explicam o desenvolvimento da humanidade Kayapó, a criação de elementos da fauna, da flora, do aprimoramento de práticas culturais, como confecção de adornos e plumárias, e o contato com outros povos. No Mito analisado, o termo usado para *Pai dos Pássaros* é *ok-ti*, na literatura Kayapó encontramos a designação *àk-ti* ‘gavião’. *Todavia, preservo o nome ok-ti na descrição do texto.*

## Mito: Pai dos Pássaros

No dia 26 de novembro de 1954, um avião Lodestar, sob o comando do Major Leal Neto, depois de abastecido em Conceição do Araguaia, rumava para o “Pôsto Indígena Capitão Vasconcelos”, no rio Kuluene. Após uma hora de voo, o piloto localizou uma aldeia de índios desconhecidos.

Ao passar por cima da aldeia, numa altura de 300 metros, foram recebidos por uma Saraivada de flechas que chegaram até meia altura, deixando ileso o aparelho. Supunham que fossem os famosos Suyá, índios do grupo jê, que, após um contacto mantido em 1884 com von den Steinen, nunca mais aceitaram aproximação com os civilizados. (O Cruzeiro, 16 de abril de 1955).

Por que querer flechar um avião? Anos antes os Xavánte não fizeram a mesma coisa? A atitude foi devida à ordem de algum cacique intratável ou representou um gesto espontâneo da parte dos índios? É possível que o mito de *Ok-ti*, o Pai dos Pássaros, conhecido por todas as tribos jê, explique a atitude hostil com que receberam o primeiro avião.

Conta o mito que uma índia foi ao campo apanhar tucum, levando consigo dois sobrinhos pequenos que brincavam no capim enquanto ela enchia o cesto de frutos. De repente, houve um ruído como se fosse uma ventania, e os meninos viram descer dos ares um monstro, de asas abertas, que se arremessou sobre a mulher e levantou voo com ela nas garras. Aterrorizados, os meninos acertaram com dificuldade o caminho da aldeia, onde contaram a história.

Naquele tempo, os índios eram mansos e sem armas, e não tinham defesa contra os ataques de *Ok-ti*, o monstro dos ares. O pai dos meninos nunca se esqueceu da irmã desaparecida e queria que os filhos, uma vez crescidos, vingassem sua morte.

Notando um dia que os objetos, quando submersos, parecem assumir tamanho maior, o índio teve a ideia de criar seus filhos debaixo da água. Da casca do jatobá, inteiriça, confeccionou um compartimento que comportasse seus filhos. Embarcando-os com quantidades de beijus de mandioca, e tendo lacrado com resina as costuras da casca, lançou-a, igual submarino, na profundidade das águas. De tempos em tempos tirava-a por meio de um cipó grosso e, notava, satisfeito, que os meninos iam crescendo. Depois de feito novo abastecimento, repunha o submarino no leito do rio.

Assim foi que, mais tarde, apareceram entre o povo dois jovens bonitos, mais altos e fortes do que todos os outros. Corriam mais do que as emas. Matavam antas e carregavam-nas inteiras para a maloca, dizendo às mulheres que tratassem dos “ratinhos” que haviam matado. Também fizeram uma casa grande, onde fabricaram armas de madeira, tais como cacetes, lanças e espadas, ensinando a seus patrícios, até aí tão mansos, a manejá-las. Apenas não inventaram o arco e a flecha, cujo segredo ainda estava com a onça pintada.

Durante todo este tempo, o monstro *Ok-ti* nunca deixou de perseguir os índios e os dois heróis resolveram procurá-lo e matá-lo. Localizaram o seu ninho na copa de uma árvore enorme, a cujo pé havia montes de restos humanos, como ossadas e cabelos, colares e madrepérola e tipóias de fibras.

Os dois armaram, então, uma forte tocaia, camuflada de ramos e folhas, de onde tocaram uma buzina para chamar a atenção da ave. Quando esta desceu para investigar, deixaram de buzinar. Não descobrindo nada, *Ok-ti* subiu mistificado ao seu ninho. Quando, logo ao chegar, ouviu novamente o som das buzinas, *Ok-ti*, irritado, fez uma segunda descida, ainda sem nada descobrir. E assim por diante, subindo e descendo, cada vez mais vexado e enraivecido, até que cansou. Era o momento que os dois heróis aguardavam e, de cacête na mão, entraram em luta corporal com o monstro, exterminando-o.

Vitoriosos, os índios todos se reuniram para a festa e depenaram *Ok-ti* para poder devorá-lo como vingança das muitas vítimas. Mas os dois heróis ainda não haviam completado a façanha. Começaram a soprar as penas da ave e logo estas viraram pássaros, variáveis em tamanho e conforme a pena que se originaram. Da penugem surgiu o beija-flor.

Assim foi, afirmam os índios, que o mundo se povoou de aves. Assim foi que aprenderam os princípios da valentia. Assim foi que surgiu o costume, até hoje observado, de se construir, no meio de cada aldeamento, uma casa grande, onde os homens fazem suas armas de pau. E, como durante o combate com *Ok-ti*, os heróis ficaram com vestígios de penugens nos cabelos, o índio de hoje não se considera completamente enfeitado se não tiver nos cabelos, fixadas com resina de almécega, semelhantes lembranças de seus ilustres antepassados.

É muito provável que os índios Suyá tivessem identificado o avião do Major Leal Neto com o *Ok-ti* das suas tradições e que, por isso, o tivessem recebido com uma saraivada de flechas.

O texto começa apontando informações sobre as expedições e rotas de militares do Serviço de Proteção ao Índio (SPI). O voo do Major Leal Neto saiu da base de Conceição do Araguaia/PA, rumo ao antigo posto indígena Capitão



Vasconcelos<sup>8</sup>, principal base do Alto Xingu. Esse registro inicial corresponde ao levantamento da Diocese da Santíssima Conceição do Araguaia<sup>9</sup> (2008, p.01), em um recorte de 1897 a 1947, em que cita os Kayapó em dispersão na região que compreende ao sul e sudeste do Pará (DIOCESE DA SANTÍSSIMA CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA, 2008, p.01; MACHADO, 2022b).

Foi durante o voo que o piloto localizou uma aldeia desconhecida a uma altura de 300 metros, supondo que fosse os Suyá. Na ocasião, os militares foram recebidos com flechas que chegaram até meia altura, deixando o avião ileso. A partir da ação dos indígenas, os militares se perguntaram: Por que querer flechar um avião? Será que essa atitude foi devida à ordem de algum cacique ou representou um gesto espontâneo dos indígenas?

A reação com que receberam o primeiro avião foi explicada a partir do mito, o *Pai dos Pássaros*. *Ok-ti* OU *àk-ti* é descrito como um monstro de asas abertas que desce dos ares para perseguir os índios. Em uma análise morfológica do nome *Ok-ti*, o morfema derivacional *-ti* serve para atenuar e intensificar respectivamente formas físicas ou sentimentos, estados de espírito, entre outros. Pode também indicar ênfase sobre a ação do sujeito ou do objeto. Em Mëbêngôkré, os sufixos *-ti* intensificam as características do pássaro, como ‘grande pássaro’ ou ‘pai de todos os pássaros’.

Para atribuir no humano uma forma semelhante ao grande pássaro, o personagem confecciona um compartimento para os filhos, como uma espécie de submarino, para sobreviverem nas profundezas das águas. Com o passar do tempo, os meninos começaram a crescer para vingar a morte da tia.

Quando cresceram, os rapazes traçaram um plano para matar a grande ave, como estratégia, primeiro cansaram o pássaro e, posteriormente, entraram em luta corporal até exterminá-lo. “Vitoriosos, os índios todos se reuniram para a festa e depenaram *Ok-ti* para poder devorá-lo como vingança das muitas vítimas”. Eles também começaram a soprar as penas da ave e essas viraram

---

<sup>8</sup> O referido posto foi renomeado para Leonardo Villas Bôas em 1961. O posto estava localizado em um local elevado, com terreno firme para pouso de aeronaves, como o avião Lodestar. O local também apresentava abundância de água, banhado por rios e igarapés, caça e pesca.

<sup>9</sup> A história ocidental contada sobre o município de Conceição do Araguaia remonta ao deslocamento de missionários para o trabalho de catequização dos índios que viviam na bacia Araguaia-Tocantins, sobretudo os Caiapós, Carajás, Tapirapés, entre outros. O núcleo foi fundado pelo Frei Gil de Vilanova.

pássaros. Aves variáveis em tamanho e penas, assim, o mundo se povoou de aves.

Do mesmo modo, os Kayapó aprenderam os princípios da valentia, surgindo o costume de se construir no meio de cada aldeamento uma casa grande, lugar onde os homens fazem suas armas e cuidam da administração das aldeias (ver imagem 2). Os heróis também ficaram com vestígios de penugens nos cabelos, por isso, os indígenas de hoje não se consideram completamente enfeitados se não tiverem nos cabelos as diferentes penugens, semelhante às lembranças de seus antepassados.

No mito, podemos observar os conhecimentos que representam a relação dos Kayapó com a “natureza”, como: o *meàkà* ‘cocar’ feito de penas para adornar as cabeças dos *benjadwýr* ‘caciques’ ou dos *memy* homens escolhidos, os guerreiros, entre outras representações simbólicas utilizadas em rituais, festas e eventos políticos.

Como desfecho da história, o narrador destaca que é muito provável que os Kayapó tivessem identificado o avião do Major Leal Neto com o *Ok-ti* ‘grande pássaro’, e que, por isso, o tivessem recebido com uma saraivada de flechas. *Ok-ti* representava uma grande ave, ao morrer transformou-se em várias espécies de pássaros. A partir disso, acredita-se que o nome ‘avião’ é designado conforme as espécies de pássaros mais usuais de uma aldeia, podendo variar conforme as espécies locais e associações ao tamanho e forma. Além disso, o conceito de “monstro” para o grande pássaro também se perdeu na nova significação, porém permanece na memória dos anciões e de alguns falantes.

Como mencionado por Claude Lévi-Strauss (2004, p.21), no volume *Mitológicas 1: O cru e o cozido*, o mito “trata de uma realidade instável permanentemente à mercê dos golpes de um passado que a arruína e de um futuro que a modifica”. Com ações do tempo e com as dinâmicas dos povos originários, os mitos se modificam para que novos universos nasçam dos eventos pretéritos. Ainda com o autor, um mito não existe isoladamente, ele está relacionado com outros mitos e outras linguagens, como no léxico.

## Esboçando correlações semânticas entre o mito e o neologismo

Lévi-Strauss (1978), em *Mito e significado*, propõe a relação do mito com uma partitura orquestral, escrita frase por frase até chegar ao todo:

Portanto, temos de ler o mito mais ou menos como leríamos uma partitura musical, pondo de parte as frases musicais e tentando entender a página inteira, com a certeza de que o que está escrito na primeira frase musical da página só adquire significado se considerar que faz parte e é uma parcela do que se encontra escrito na segunda, na terceira, na quarta e assim por diante (LÉVI-STRAUSS, 1978, p. 68).

Para entender a totalidade do mito temos de escrever ou descrevê-lo processualmente até entender o seu significado total (LÉVI-STRAUSS, 1978, p. 68). No caso dos novos itens lexicais, seu significado não corresponde necessariamente à soma individual de suas partes constituintes. A tarefa de definir ou mesmo agrupar morfemas com base em características semânticas não é tão simples, pois as unidades não se comportam de maneira uniforme. Alguns dos componentes lexicais não são tão transparentes, pois muitos conteúdos de base são metafóricos, conforme as ontologias ancestrais do povo (MACHADO, 2022b).

Em o *Pai dos pássaros*, o 'avião' Lodestar é associado ao 'grande monstro' ou 'pássaro gigante', uma espécie de previsão às ameaças do contato. No caso do neologismo 'avião', a composição 'casco' + 'arara' (lit. 'casco que voa') demonstra uma adaptação ao contexto local. O falante do Mëbêngôkre não faz referência ao grande pássaro, porém usa uma ave local, com asas longas para significar o objeto, ou o referente ao conceito.

Meu interlocutor faz uso de metáforas para designar elementos espaciais e fazer comparações entre objetos e animais e, ainda, descrever o ambiente físico. O processo de metaforização ocorre em diferentes designativos Mekrãgnoti. Esses processos demonstram a relação do povo com as

multiespécies, correspondências marcadas tanto no mito como na forma de significar as novas palavras. Assim, o processo de metaforização envolve diferentes classes gramaticais simultaneamente, em que o falante constrói um caminho próprio para metaforizar sua construção.

Como aponta Morim de Lima (2016, p.10), para os rituais Krahô, família Jê, os repertórios de mitos, cantos e personagens específicos “revela detalhes preciosos sobre os hábitos de certas plantas e animais”. Além disso, o léxico pode desvelar repertórios que estabelecem a relação entre os ciclos ecológicos e sociocosmológicos, “apontando para um modo radicalmente distinto de pensar a relação com o ambiente e com os outros seres que nele habitam” (MORIM DE LIMA, 2016, p.10).

## Considerações finais

Os neologismos refletem as relações e adaptações linguísticas de um povo a uma nova realidade ou situação, sejam elas sociais, políticas ou culturais. O léxico e o mito são fontes de conhecimento que têm acompanhado as dinâmicas socioculturais de seu povo. O Mëbêngôkre, portanto, expressa a história, as crenças e a cosmologia, conforme as atitudes linguísticas de seus falantes.

O neologismo formal<sup>10</sup> ‘avião’ e o mito *Pai dos pássaros* perpassam pela lógica do sensível e da percepção de mundo que orienta os falantes Mekrãgnoti, além de revelar detalhes importantes sobre as histórias e trajetórias desses sujeitos, como menção à biodiversidade e os caminhos de sentido dos interlocutores Kayapó.

A língua/linguagem materializam o pensamento, a reflexão e o sentir, assim expressam o contexto de fala dos indivíduos e suas percepções. Os exemplos apresentados revelam as formas Kayapó utilizadas para assemelhar e diferenciar os objetos. Logo, os processos morfológicos e mitológicos

---

<sup>10</sup> Os neologismos em Mëbêngôkré são formados pelos processos linguísticos (derivação, composição, nominalização lexical etc.) envolvidos na formação destes itens lexicais.

relacionam o passado ao presente pelas experiências vividas dos Mëkrãgnoti. Do mesmo modo, desvelam histórias que se conectam a uma rede de significados compartilhados no tempo e espaço. Isto se deve, aos esforços dos Kayapó em continuar usando e ensinando o Mëbêngôkré a partir de recursos próprios da língua, como a utilização de diferentes combinações e ajustes para nomear um novo conceito a partir de nomes e narrativas já existentes na sua língua e cultura.

## Referências bibliográficas

ALVES, I. M. A observação sistemática da neologia lexical: subsídios para o estudo do léxico. **Alfa**, São Paulo, 50 (2), 2006.

BIDERMAN, M. T. C. **Terminologia e lexicografia**. Tradterm, 7, 2001.

CABRAL, R. R. Corpografias Mëbêngôkré – Identidade e processo criativo no corpo artístico-etno-pesquisador. Anais Eletrônico – ABRACE, Associação brasileira de pesquisa e pós-graduação em artes cênicas. v. 18, n. 1. 2017.

Disponível em:

<http://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/1023/0>.

CARNEIRO DA CUNHA, M.; CESARINO, P. N. **Políticas culturais e povos indígenas**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2014.

DIOCESE DA SANTÍSSIMA CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA. **Cem anos da Diocese em Missão**. Diálogo, anúncio, serviço e testemunho de comunhão. *Conceição do Araguaia*, 2008

DOURADO, L. **Aspectos morfossintáticos da língua Panará**. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2001.

DURANTI, A. **Linguistic Anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

GIVÓN, T. **Syntax: An Introduction**. Vol. I. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam, Philadelphia. 2001.

HALL, S. The work of representation. In: HALL, S. (org.). **Representation: cultural representation and cultural signifying practices**. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

LÉVI-STRAUSS, C. [1908-2009]. **Antropologia estrutural**: Claude Lévi-Strauss. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

LÉVI-STRAUSS, C. **Mito e significado**. Tradução de Antonio Marques Bessa. Lisboa: Edições 70, 1978.

LÉVI-STRAUSS, C. **O cru e o cozido**. Mitológicas 1. São Paulo, CosacNaify, 2004.

MACHADO, M. S. O pensamento das moscas e o Júpiter para os kayapó: refletindo sobre narrativas e as interações entre humanos e mais-que-humanos nas redes sociais. **Revista Tabuleiro de Letras / Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens – PPGEL-UNEB**. v. 16 n. 1 (jun. 2022) – Salvador: UNEB; 2022a.

MACHADO, M. S. **Processo de formação de novas categorias conceituais e as agências linguísticas dos Mëbêngôkre Kayapó (Família Jê)**.

(Dissertação de mestrado). Programa de Pós-graduação em Diversidade Sociocultural, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, PA, Brasil, 2022b.

MEKRANGNOTI, Bep. Entrevistadora: Autora. Belém, 2021. arquivo mp3 (06 min) via WhatsApp. [06/2019].

METUKTIRE, O. **Textos avulsos**. Mato Grosso. Arquivo doc. Via Facebook, 2020.

MIRANDA, M. G. **Morfologia e Morfossintaxe da Língua Krahô (Família Jê, Tronco Macro-Jê)**. Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2014.

MIRANDA, M.; BORGES, Águeda Aparecida da Cruz; SANTANA, Áurea Cavalcante; SOUSA, Suseile Andrade. **Línguas e culturas Macro-Jê**. Barra do Garças, MT: GEDELLI/UFMT, 2020.

MORIM DE LIMA, A. G. **“Brotou batata para mim” Cultivo, gênero e ritual entre os Krahô (TO, Brasil)**. Rio de Janeiro. Tese (doutorado) - Universidade

Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, 2016.

NIKULIN, Andrey. **Proto-Macro-Jê: um estudo reconstrutivo**. Tese (Doutorado — Doutorado em Linguística) — Universidade de Brasília, 2020.

OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001.

POSEY, D. A. **A ciência dos Mëbêngôkre: alternativas contra a destruição**. Belém, Museu Paraense, Emílio Goeldi, 1987.

RODRIGUES, A. D. Ge-Pano-Carib x Jê-Tupí-Karíb: sobre relaciones lingüísticas prehistóricas en Sudamérica. In: I CONGRESO DE LENGUAS INDÍGENAS DE SUDAMÉRICA. Actas I Congreso de Lenguas Indígenas de Sudamérica. Lima: Universidad Ricardo Palma, v. 1. 1999.

SALA, A. M. Ensaio da gramática Kayapó. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo: “Diário Oficial”, 1920. Disponível na Biblioteca Digital Curt Nimuendaju: <http://biblio.etnolinguistica.org>.

SALANOVA, A. P.; NIKULIN, Andrey. **A história que conta o léxico Mëbêngôkre**. Dossiê Temático: Para a década das línguas indígenas, Sinop, v. 13, n. 33, nov, 2020.

SCHACHTER, P. & SHOPEN, T. Parts-of-speech systems. In: SHOPEN, T. (Org.) **Language typology and syntactic description**. Cambridge: Cambridge University Press. vols. I. 2007.

SILVA DA COSTA, Lucivaldo. **Uma descrição gramatical da língua Xikrín do Cateté (família Jê, tronco Macro-Jê)**. Brasília, 2015. Tese (Doutorado - Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, 2015.

THOMSON, R. **O Pai dos Pássaros. Me Bakukamã-re'ã Ujarenh-neja: lendas Kayapó**. Summer Institute of Linguistics, 1981.

TRONCARELLI, Maria Cristina Cabral. (Org.). **Meprire Kute Mebengokre Kaben mari kadjy ã'pi'ôk neja – Livro de alfabetização na língua Mebengokre**. Tucumã-PA: Associação Floresta Protegida. 2015.

TURNER, T. Os Mebengokre Kayapó: história e mudança social, de comunidades autônomas para a coexistência interétnica. In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal da Cultura, FAPESP, 1992.